



APRESENTAÇÃO

É com grande satisfação que a REVELL Revista de Estudos Literários da UEMS apresenta seu recente dossiê, número 41 de 2025, dedicado ao tema **"Formas estéticas latino-americanas contemporâneas"**. Neste número, pensamos em como os recursos literários e visuais se entrecruzam criando uma visão plural e polifônica das nossas vivências na América Latina, capaz de tensionar narrativas hegemônicas e construir novos saberes.

Neste sentido, este dossiê da REVELL acolheu trabalhos que se dedicaram a analisar criticamente obras, sejam elas literárias ou visuais, que se expressam a partir de diferentes perspectivas e intervenções críticas através de formas híbridas, com a finalidade de tensionar e revisar as práticas narrativas e/ou visuais na América Latina, criando diferentes formas de pensar, sentir, ouvir e visibilizar os debates contemporâneos que configuram os imaginários da nossa região. Para isso, organizamos este número em 4 eixos temáticos: **Experiências afro-diaspóricas e indígenas, Memórias e resistências latino-americanas, Emancipação e visibilidade de corpos dissidentes e Ecocrítica e imaginação contemporânea**, que agrupam trabalhos e investigações com perspectivas críticas e decoloniais sobre o lugar do corpo, da

memória, de cosmovisões e que refletem sobre as diferentes perspectivas e imaginários latino-americanos.

No primeiro eixo, **Experiências afro-diaspóricas e indígenas**, localizam-se textos que problematizam e articulam as múltiplas formas de existência e resistência de saberes situados que emergem das comunidades afro-diaspóricas e indígenas. No artigo "Do Atlântico ao pacífico: escritas da amefricanidade", Silvia Barros analisa a relação entre os textos das escritoras Teresa Cárdenas, cubana, da colombiana Velia Vidal e da brasileira Conceição Evaristo. A autora parte dos conceitos de amefricanidade, cunhado por Lélia Gonzalez, e de escritivência, de Conceição Evaristo, para realizar uma leitura comparada das três escritoras. Segundo a autora, essa leitura permite reconhecer tanto a especificidade de cada país e de cada escritora, ao mesmo tempo em que evidencia a aproximação das experiências vividas por mulheres negras na diáspora. Sua reflexão parte da valorização da ancestralidade e da oralidade como forma de conservar a memória e a espiritualidade como um fator de união e resistência em contextos diaspóricos.

O segundo artigo também convoca a resistência como uma ferramenta de afirmação do corpo negro frente as opressões de raça e gênero.

Assim no texto “Conceição Evaristo e Mel Duarte: escritas da resistência”, Alexandra Santos Pinheiro reflete sobre o corpo de mulheres afrodescentes a partir das representações de sexualidade e de maternidade presentes em “Quantos filhos Natalina teve?”, de Conceição Evaristo e o poema “Negra nua crua”, de Mel Duarte. A autora se detém na reflexão sobre o silenciamento dos corpos racializados para destacar que o fazer literário possui um sentido estético que sintetiza um movimento de enfrentamento e resistência. Esse movimento abriga opressões, lutas e ressignificações, e nos textos mencionados, pode-se perceber a partir da liberdade sexual e do empoderamento das personagens que se configuram como atos políticos que desafiam diretamente o patriarcado.

Em “De Chalchiutlicue a Oxum: a presença das águas nas narrativas de Laura Esquivel e Conceição Evaristo”, as autoras Thaís Andrade Silva e Cristina Maria da Silva analisam as relações de submissão e poder enfrentadas pelas protagonistas de *Malinche* (2015), de Laura Esquivel e de “Maria do Rosário Imaculada dos Santos”, de Conceição Evaristo. A leitura parte da simbologia das divindades provenientes da água: Chalchiutlicue, a deusa das águas na mitologia asteca, e Oxum, a senhora dos rios e da fertilidade na tradição afro-brasileira. A partir dessas

cosmovisões, as autoras investigam como a água se traduz em um elemento simbólico de resistência, de reinvenção e de cura, unindo literatura, cosmovisão, gênero e ancestralidade. Dessa forma, símbolos culturais e espirituais são ressignificados em um diálogo entre questões sociais e históricas nas duas narrativas.

No eixo **Memórias e resistências latino-americanas**, situam-se cinco artigos que abordam as formas pelas quais a literatura e o documentário elaboram o passado a partir de perspectivas críticas ou decoloniais. Além disso, esse conjunto coloca em discussão a relação entre ficção e história ou memória, afastando-se de visões simplificadas ou lineares. O primeiro deles, “A autoria de mulheres como projeto estético decolonial em *Colombo de Terrarrubra* (1994), de Mary Cruz”, escrito por Amanda Maria Elsner Matheus e Gilmei Francisco Fleck, examina uma forma de narrar a conquista da América alternativa à versão oficial. Matheus e Fleck assinalam que algumas novelas históricas escritas por mulheres tendem a realizar uma reinterpretação distinta da hegemônica, resgatando fatos ou personagens pouco frequentes na narrativa histórica tradicional. Nesse sentido, analisam o romance *Colombo de Terrarrubra*, no qual, a partir da perspectiva de um grumete espanhol, Cruz expõe as ambições e as formas de

exercício da violência por Cristóvão Colombo, ao mesmo tempo que desmonta sua condição acrítica de herói. Matheus e Fleck concluem que essa novela, escrita por uma mulher, propõe um olhar “desde baixo”, geralmente marginalizado e, por isso mesmo, original.

Essa crítica à história hegemônica é central no artigo seguinte, intitulado “Literatura, História e Gênero: a construção da personagem Elisa Alicia Lynch de Quatrefages em *Mujer Apetada: Madame Lynch, el Mariscal López y la Guerra del Paraguay*, de Borja Loma Barrie”, escrito por Márcio Antônio de Souza Maciel. Nesse caso, o elemento disruptivo é a presença histórica de uma mulher, Elisa Alicia Lynch de Quatrefages, heroína controversa e tardiamente reconhecida pela história do Paraguai. No artigo, Maciel sustenta que o romance de Loma Barrie, situado no contexto da Guerra da Tríplice Aliança, pode ser lido à luz dos estudos de gênero (o papel ameaçador de uma mulher, as observações sobre seu corpo, os preconceitos), o que tensiona determinadas convenções sociais e históricas.

Lucas Bandeira de Melo Carvalho escreveu “Ele está morto e vai morrer: sobre *Pau D’Arco*, de Ana Aranha”, no qual analisa um documentário sobre a resistência de trabalhadores sem terra no estado do Pará, Brasil. O artigo se

detém na forma como o documentário apresenta o conflito histórico no qual se torna visível a violência agrária. A partir disso, Carvalho se pergunta sobre o conflito e sobre como mostrá-lo, quais personagens aparecem e se há, por fim, algum traço de beleza na vida cotidiana dos protagonistas militantes. Além disso, analisa-se no documentário a presença da chacina e, posteriormente, o assassinato de um sobrevivente, o que coloca em primeiro plano a tragédia histórica e a fragilidade da vida. Nesse percurso, o autor relaciona *Pau D’Arco* com outras obras cinematográficas, literárias e musicais que articulam uma relação entre conflito e resistência.

Já em “Memórias coletivas e subjetivas no livro ilustrado *Camino a casa*”, de Mariana Cortez e Viviana Talia Aprigio, apresenta-se uma forma de abordagem do conflito armado colombiano que ocupou grande parte do século XX. O livro ilustrado infantil de Jairo Buitrago e Rafael Yockteng se constrói, segundo Cortez e Aprigio, na relação entre a memória coletiva do país e a perspectiva subjetiva de uma menina. O artigo contempla os elementos históricos e simbólicos que o livro mobiliza para narrar a história de uma criança cujo pai — representado por um leão amigável — foi assassinado. O bairro, a escola, a casa e os jornais constituem

sinais visuais que se integram para trazer a memória da violência a um conto infantil.

O último artigo que compõe este eixo é “Coletivas: memória e resistência na literatura latino-americana escrita por mulheres”, de Tarsilla de Brito e Pilar Lago e Lousa. Nele, examinam-se os contos “Soñarán en el jardín”, de Gabriela Miravete, e “As coisas que perdemos no fogo”, de Mariana Enriquez, bem como o romance *O país das mulheres*, de Gioconda Belli, a partir da premissa de que esse textos fazem parte de escritas do sul global que, por meio da palavra e da literatura, desafiam formas de violência contra as mulheres. Brito e Lousa identificam nesses textos três modalidades de resistência: a denúncia (representada pelo conto de Miravete), a ação (no conto de Enriquez) e a transformação (no romance de Belli). Segundo sua interpretação, essas obras são capazes de produzir fissuras na tradição, elaborar contradiscursos e construir memórias.

O eixo seguinte deste dossiê, **Emancipação e visibilidade de corpos dissidentes**, é composto por quatro artigos que abordam objetos literários e visuais centrados em corporalidades que escapam ou discordam da norma hegemônica. O reconhecimento dessas corporalidades e de suas potencialidades ocupa o

centro das reflexões apresentadas. Assim, “Uma cartografia dos corpos na arte de Cristina Salgado: considerações estético-discursivas”, de Ana Paula Dias Pires e Bruno Gonçalves Borges, coloca em primeiro plano obras da artista brasileira que, a partir da centralidade da dobra, questionam as formas científicas e os discursos normativos sobre os corpos. Por meio de uma análise que inclui reflexões de cunho filosófico, Pires e Borges sustentam que a obra “Maria Convulsionada” propõe um deslocamento do corpo feminino, abrindo caminho para definições menos rígidas e funcionais.

A questão do corpo também é central em “Estéticas latino-americanas da contravisualidade: arquivo, afeto e corpos travestis”, no qual Victoria Macioci propõe um olhar atento sobre corporalidades fora da norma, especificamente a partir do Arquivo da Memória Trans da Argentina. A autora explora esse arquivo como produtor de contravisualidade. Para tanto, concentra-se na produção e circulação de uma fotografia de ativistas trans, publicada inicialmente em um meio de comunicação, posteriormente apropriada pela polícia como instrumento de vigilância e, por fim, incorporada ao referido arquivo. Macioci afirma que essa última reapropriação produz efeitos que não apenas desestabilizam o regime escópico, mas

também incidem nos planos político e epistemológico.

“Narrativas queer no traço de Aline Zouvi”, é o artigo de Maria Clara da Silva Ramos Carneiro e Mariana Ferreira Gonçalves dedicado à produção de histórias em quadrinhos em dois casos específicos: as obras *Síncope* e *Não nasci sabendo*. As autoras analisam a forma como Zouvi constrói seus personagens e seus corpos, desfazendo o caminho marcado por imagens hegemônicas. A partir de uma perspectiva queer, o artigo propõe compreender a obra da artista como intensificadora de uma realidade ainda pouco visibilizada (e publicada). Seja de modo autobiográfico ou por meio de outros personagens, segundo Carneiro e Gonçalves, Zouvi consegue trazer à cena histórias que desafiam a normalidade socialmente aceita e compartilhada, por meio de múltiplas referências, formas de reflexão nas quais texto e imagem se articulam para romper certos padrões e lançar luz sobre outras formas de vida.

Esse eixo se encerra com “Um novo corpo para o mesmo coração ardente: a obra de Rosita Beas no contexto da Explosão Social Chilena de 2019”, de Macarena Gonzalez Franzani. Nesse artigo, a partir da análise das imagens produzidas pela artista chilena Rosita Beas, formula-se a

hipótese de que, em contextos de conflito social, as imagens — especialmente aquelas vinculadas à espiritualidade e às crenças — recuperam aspectos da memória para conferir sentido ao que está ocorrendo. Nesses momentos, segundo a autora, o corpo tem muito a dizer. Os “santos populares” constituem uma série de obras criadas por Beas, nas quais, por meio de uma estética que combina o religioso e o kitsch, circulam figuras da cultura popular chilena como forma de produzir esperança. No artigo se afirma que em algumas dessas obras, o coração, como sintoma do corpo, assume centralidade ao evocar o religioso de modo irônico, porém ancorado em corpos significativos para a realidade política e social chilena.

O quarto e último eixo, **Ecocrítica e imaginação contemporânea**, reúne dois trabalhos que estabelecem diálogos entre literatura e meio ambiente. O enfoque recai sobre as inter-relações entre natureza, experiências das protagonistas e memórias humanas, evidenciando como os textos literários mobilizam dimensões ecológicas e afetivas para pensar o presente. Assim, no artigo “A ecocrítica e a resistência feminina – análise reflexiva de Regina e Lupe no romance ‘A extinção das abelhas’, de Natália Polesso”, Roseny Alves dos Santos e Adolfo José de Souza André analisam o romance de Polesso a

partir do conceito de ecocrítica, enfocando a relação das protagonistas Regina e Lupe com o caos ambiental presente na obra. Segundo os autores, o empoderamento das duas personagens resulta de uma luta pela justiça ambiental que se articula simultaneamente com a busca por autonomia e pelo reconhecimento de seu lugar na sociedade. O estudo evidencia como a literatura, a ecologia e a resistência feminina se entrelaçam, configurando um espaço de enfrentamento e de afirmação política.

O último artigo que encerra este dossiê pertence à Nathalia Vitória Reinehr, Wendel Wickboldt Buchweitz e Alfeu Sparemberger, intitulado “*O livro de Zenóbia e Essa coisa viva: uma leitura ecocrítica das produções literárias de Maria Esther Maciel*”. Alí Reinehr, Buchweitz e Sparemberger exploram, a partir da perspectiva da ecocrítica, a relação entre humanos e não humanos em duas obras mencionadas de Maria Esther Maciel mencionadas no título. A análise propõe uma reflexão sobre a (co)existência entre espécies e as conexões que contribuem para transformar a forma como os humanos se relacionam com a natureza. Além disso, o estudo evidencia como os elementos não humanos ganham autonomia, ocupando papéis de protagonistas, e como essa centralidade

reconfigura símbolos culturais e modos de se relacionar com a natureza.

Agradecemos o convite do editor-chefe André Rezende Benattipelo para a realização deste número e o seu apoio no decorrer do processo. Agradecemos também às/aos pareceristas, além das/dos editoras/es, conselho editorial, comitê científico pela colaboração e por terem possibilitado sua publicação. Um especial agradecimento às/aos autoras/es que enviaram seus artigos e investigações e construíram um número em que se percebe a valorização de artistas mulheres e/ou de corpos feminizados que questionam o lugar do homem branco, etnocêntrico e heterossexual e tensionam problemáticas de gênero, ecológicas e catástrofes ambientais, além de introduzirem novas epistemologias para discutir, intervir e imaginar possibilidades de viver na contemporaneidade. Por fim, convidamos leitoras e leitores a navegar por essas narrativas a partir das experiências e investigações aqui compartilhadas. Desejamos a todas/os/es uma leitura prazerosa.

Ana Bugnone

Caroline Kirsch Pfeifer